

O DIDATISMO NA RESSIGNIFICAÇÃO DOS CONCEITOS EM SPINOZA

JOSÉ EDINALDO GOMES GUIMARÃES *

INTRODUÇÃO

Para início de conversa, salientamos que o próprio Spinoza reconhece que alguns termos que ele utiliza têm significados diferentes no uso corrente do seu tempo, pois a intenção do nosso filósofo não é realizar nenhuma exegese: “Meu objetivo não é, entretanto, o de explicar o significado das palavras, mas de explicar a natureza das coisas, designando-as por vocábulos que tenham, no que uso corrente, um significado que não se afaste inteiramente daquele que quero atribuir-lhes”. (E3Def20). A professora Olga Pompo afirma que Spinoza não estava interessado nas problemáticas das línguas humanas, contudo, sem deixar de dar pinceladas importantes para a reflexão acerca da linguagem, como no *Tratado da Emenda do Intelecto* onde Spinoza afirma: “E, efetivamente, sem dúvida, a maior parte dos erros consiste apenas em não aplicarmos corretamente os nomes às coisas”. (E2P47Esc), projetando os vocábulos que apresentaria posteriormente na *Ética*. Sobre a questão da linguagem em Spinoza, assevera Pompo (2011).

Não há uma “teoria” desenvolvida da linguagem no sistema de Espinoza. A linguagem não é um problema que Espinoza tenha selecionado como merecedor de ser pensado. Na filosofia de Espinoza, os problemas da linguagem não encontram um lugar sistemático. Espinoza nunca se situa face à tradição de reflexão sobre a linguagem que o antecede ou lhe é contemporânea, nem estabelece qualquer tipo de relação

* José Edinaldo Gomes Guimarães é Licenciado em Pedagogia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA; Licenciado em Português pela Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA; Pós-graduado (especialização) em Ensino de Língua Portuguesa e Literatura pela Faculdade Ateneu – FATE; professor da rede pública municipal de Fortaleza - CE, atualmente é mestrando do Curso de Mestrado Acadêmico em Filosofia da Universidade Estadual do Ceará – UECE. E-mail para contato: edinaldoguima60@gmail.com

arquitectónica que integre as suas teses sobre a linguagem com alguns outros lugares do seu pensamento. (Pompo, 2011, p. 16).

Na teoria dos afetos de Spinoza, a alegria e a tristeza ocupam a maior parte da economia dessa doutrina, pois correspondem aos movimentos que se dão entre a passagem de uma perfeição menor para uma maior, no caso da alegria; ou de uma perfeição maior para uma menor, no caso da tristeza. Perfeição essa que se caracteriza pelo aumento ou diminuição da potência de agir do corpo e de pensar da mente (desejo). Spinoza observou que a perfeição ora é estimulada ou refreada a partir do instante em que um ou outro afeto mais forte se impõe sobre o mais fraco. A alegria não é a própria perfeição que se busca, mas é fundamental, pois sempre que presente no corpo e na mente eleva a potência de agir e pensar do homem. Por sua vez, não se pode dizer que a tristeza é a própria imperfeição, visto que dada uma alegria mais forte pode superar a tristeza, retomando o aumento da perfeição.

Os afetos são constituídos por causa externa ou interna. Os objetos externos podem afetar um mesmo homem de diversas maneiras, bem como, um mesmo homem pode ser afetado de diversas maneiras por vários objetos. Por esse motivo, as afecções são inúmeras e bastante variadas.

Uma característica comum entre os homens é que, por estarem sob a égide das paixões, as ações destes são de acordo com os afetos que recebem, portanto, um pode julgar como má determinada coisa e outro bom. Ressalte-se, portanto, na natureza humana, a incapacidade para a emissão de juízos finitos, pois ao julgar os outros homens mediante seus próprios afetos e sua própria percepção, o homem tem apenas uma ideia imaginária da natureza do outro homem, tendo uma ideia superficial não é capaz senão de emitir apenas um juízo equivocado do outro.

Assim, partindo dos chamados afetos primários – alegria, tristeza e desejo –, Spinoza reflete sobre os seus derivados e nos possibilita conhecermos sua conceitualização a fim de empregarmos adequadamente ao citá-los no léxico spinozano. Inicialmente analisaremos as principais gradações dos afetos da alegria, da tristeza e do desejo que são denominados por Spinoza por **amor** e ódio.

1 A CONCEPÇÃO DOS VOCÁBULOS AMOR E ÓDIO NA DOUTRINA DOS AFETOS SPINOZANA

Em seguida, como as palavras são uma parte da imaginação, isto é, fingimos muitos conceitos na medida em que elas se compõem na memória de maneira vagante a partir de alguma disposição do corpo, por isso, não há que duvidar que também as palavras, igualmente à imaginação, possam ser causa de muitos grandes erros, a não ser que com grande trabalho nos acautelemos delas. (TIE, §89).

“Quando amamos uma coisa semelhante a nós, esforçamo-nos, tanto quanto podemos, por fazer com que, de sua parte, ela nos ame.” (E3P33). O amor e o ódio são afetos que recebem atenção especial na doutrina de Spinoza. Os mesmos são, respectivamente, afetos de alegria e de tristeza, à medida que forem referidos a causas exteriores. “O amor nada mais é do que a alegria, acompanhada da ideia de uma causa exterior, e o ódio nada mais é do que a tristeza, acompanhada da ideia de uma causa exterior”. (E3P13S). Conforme Spinoza, o homem, por ser consciente de si mediante as afecções no corpo, é consciente, também, quando acredita ser causa de alegria ou tristeza dos outros. Essa consciência que gera alegria ou tristeza, ao se referir às causas interiores, receberão outros nomes na filosofia de Spinoza.

O amor não é um afeto primário, mas uma variante do afeto da alegria. Assim, a definição de amor mais completa para Spinoza é: “O amor é uma alegria acompanhada da ideia de uma causa exterior”. (E3AD3). Spinoza critica a definição comum de amor como desejo de unir-se à pessoa amada, pois afirma que esta característica não representa a essência do amor, mas apenas uma propriedade do amor. O amor não inclui, necessariamente, desejo, pois as volições dos amantes são também determinações que embora se julgue vindas da vontade nada mais são que determinações,

pois, de acordo com o filósofo, a pessoa amada estando presente ou ausente, o amor existirá independente do desejo de unir-se a ela. A vontade de estar junto de quem se ama gera uma satisfação que aumenta ou intensifica fortalecendo a alegria, que é o afeto primário. O ódio, por sua vez, diz Spinoza: “É uma tristeza acompanhada de uma causa exterior” (E3AD3), sendo assim, se pode dizer sobre o ódio, a semelhança do que foi dito sobre o amor que o mesmo não corresponde a um afeto primário, mas constitui uma variação do afeto da tristeza.

Dado que o amor e o ódio são gradações dos afetos primários de alegria e tristeza, a tristeza, ao refrear a potência de agir do homem, se coloca contrária a essa potência natural de existência, sendo assim, quanto maior for o afeto de tristeza, maior será a força que ela exerce em refrear ou diminuir a capacidade de perseverar no existir. Dessa forma, será tão maior quanto o afeto de tristeza, a alegria que será necessária para vencer o primeiro afeto, isto é, afastar a tristeza e elevar a potência de existir do homem. Sendo, portanto, que a alegria deverá ser diretamente proporcional à tristeza.

Pela exposição spinozana se observa que quando se ama alguém e por algum motivo passa a odiar essa pessoa, o amor que se converteu em ódio, ou melhor, o ódio que dominou o amor é de tal intensidade que, se nunca tivesse amado antes, o ódio não seria tão forte. Obviamente, este ódio que supera o amor, o supera porque é mais forte a ponto de aniquilar completamente o amor. A partir dessa premissa, conclui-se, portanto, que embora a tendência natural da pessoa que ama é conservar o amor pela coisa amada, quando o ódio refreia o amor, esse será tanto maior do que se a pessoa nunca tivesse amado a coisa amada. E o ódio poderá se converter em amor? Mais adiante analisaremos essa indagação.

A mente, portanto, ao imaginar que a coisa amada esta afetada e nela correspondem afetos de amor faz com que o homem se glorie por ser causa desse amor. Sempre que um homem for causa de alegria para o semelhante, se alegrará. Em oposição, isto é, a partir dos afetos de tristeza, o homem é tomado de ódio quando imagina que a coisa amada se liga a outro amor, dessa forma, odiará a coisa amada e terá inveja do outro, caracterizando o fenômeno de **flutuação de ânimo**.

Qualquer limite que o homem se impõe em alguma ação é sempre pensando no melhor para si e busca evitar situações que prejudiquem seu interesse pessoal. Por exemplo, aquele que odeia alguém deseja por fazer o mal ao outro porque o imagina como causa de tristeza. Dado que a tendência natural do homem é buscar a vida, à alegria, esse procurará infligir algum tipo de mal ou até mesmo exterminar aquele que odeia, por causa dessa determinação. Todavia, a consciência e o uso da razão poderão impedir o homem de cometer algum mal ao seu semelhante quando esse é afetado pela imagem das consequências que poderão advir do seu ato. Dessa forma, o esforço por não infligir um mal ao semelhante será mais forte que o desejo de lhe fazer mal, pois a tendência natural de agir sob o controle do afeto é tão grande que “Aquele que odeia alguém se esforçará por fazer-lhe mal, a menos que tema que disso advinha, para si próprio, um mal maior; e, inversamente, aquele que ama alguém, se esforçará, pela mesma lei, por fazer-lhe bem.” (E3P39).

O desejo da mente de manter presente somente aquelas ideias que possam elevar sua força de perseveração e um repúdio total e absoluto a todo efeito contrário, tornam o homem um ser que pelos padrões de uma ou outra moral, pode-se dizer que é cruel. Essa ideia que surge na mente humana de praticar o mal para com o objeto do seu ódio é mais uma faceta do esforço empreendido nessa luta constante pelo agir e manutenção do existir. Embora pareça que haja certa moralidade na proposição referida, o homem, abstém-se de praticar o mal ao seu semelhante que odeia, não por causa de uma moral, mas, aqui, é novamente desejo de conservação, pois a mente percebe claramente, dada ao seu conhecimento e das experiências adquiridas nas afecções, os perigos maiores que podem advir.

Assim, com base nas relações que vão se estabelecendo, um ou outro tipo de afeto vai se intensificando ou sendo refreado devido as constantes atualizações com que a mente humana é afetada a partir das vivências cotidianas, e, assim, vai sendo estabelecido o caráter humano, “pois cada um julga ou avalia, de acordo com o seu afeto, o que é bom ou mau, o que é melhor ou pior e, finalmente, o que é ótimo ou péssimo. [...] julga uma coisa

como boa ou má, útil ou inútil.” (E3P39D), sem a necessidade de uma moral que regule as ações dos homens e dessa maneira cada um pauta o seu agir a partir daquilo que lhe é mais proveitoso.

Nesse aspecto, adverte Spinoza: “Aquele que imagina ser odiado por um outro, e julga não lhe ter dado qualquer causa para isso, terá, por sua vez, ódio desse outro”. (E3P40). Na relação dos afetos que se apresentam na natureza, não cabe ao homem decidir amar ou odiar alguém, como consequência do querer. Os afetos são, portanto, produzidos a partir de algo que a mente imagina como verdadeiro. Sendo, assim, não existirá a possibilidade de não odiar outro semelhante ou, conseqüentemente, amá-lo, porque pela imitação dos afetos, a mente, será afetada por tudo aquilo que ela imagina como sendo real, existindo em ato. O que se observa é que apesar do esforço que a mente faz para manter o corpo sempre com a potência elevada, e embora ela sempre busque imaginar os afetos que corroboram para a elevação dessa potência, nem sempre a mente conseguirá livrar-se dos afetos que reduzem ou refreiam sua potência, pois, a mesma será atingida igualmente por esse afeto ao identificá-lo no semelhante. No entanto, o trabalho imediatamente posterior, ou o esforço a ser seguido, será o de imaginar os afetos que tornem a capacidade de pensar da mente e a de agir do corpo elevados.

O ódio, portanto, pode ser notado na realidade psíquica da mente ao identificar no semelhante que este está afetado desse afeto. A mente, ao perceber que alguém está tomado de ódio, embora não haja nenhuma causa aparente para odiar, ela será afetada igualmente de ódio. O ódio será gerador de ódio, assim como amor gera amor, pois “Quem imagina alguém afetado de ódio para consigo, também lhe terá, por sua vez, ódio [...] se esforçará por arquitetar todas aquelas coisas que possam afetá-lo de tristeza, dedicando-se a fazer com que lhe sejam infligidas”. (E3P40D2).

O que ocorre com o amor é semelhante aquilo que foi dito sobre o ódio, isto é, a mente ao imaginar algum semelhante afetado de amor, será igualmente afetada de amor por ele. A diferença reside que frequentemente os homens se julgarão causa do afeto de amor, porém, dificilmente se imaginará como causa de ódio

para seu semelhante. Ocorrerá a flutuação de ânimo nos casos em que: I – a mente imagina que aquele a qual ama está afetado de ódio para consigo; II – a mente imagina que aquele que odeia está afetado de amor para consigo. Nesses casos, ela amará e odiará, simultaneamente.

Seria possível um ódio converte-se em amor? Spinoza se expressa com a seguinte conclusão: “O ódio é aumentado pelo ódio recíproco, podendo, inversamente, ser destruído pelo amor. [...] O ódio que é inteiramente vencido pelo amor converte-se em amor; e o amor é maior do que se o ódio não o tivesse precedido.” (E3P43 e 44). Conforme as proposições citadas, quando alguém imagina ser odiado por outro é natural que o segundo passe a odiar o primeiro na proporção desse ódio, surgindo então, outro ódio. O afeto de ódio é assim, causa de outro afeto de ódio. Todavia, se por algum motivo, esse imagina que aquele que o odeia, passa a ter por esse bom sentimento, certamente se esforçará, também, por amá-lo. Assim, o esforço da mente por amá-lo, transforma o ódio em amor. Este amor será mais forte como se nunca houvesse odiado antes.

Observa-se, por exemplo, as causas do ódio. O ódio será sempre mais alimentado por mais ódio. “O ódio é aumentado pelo ódio recíproco, podendo, inversamente, ser destruído pelo amor”. (E3P43). Se, porventura, a mente, não imaginar ou não fazer uso da razão em busca da superação desse afeto, o resultado será a busca por destruir o outro, pois o terá como causa da sua tristeza. Todavia, imaginando a possibilidade de existir amor, esse será maior que o ódio e poderá vencer o afeto contrário. Assim, adverte a doutrina de Spinoza:

Naquele que imagina que um outro, a quem odeia, está, por sua vez, afetado de ódio para consigo, surge, por isso mesmo (pela prop. 40), um novo ódio, enquanto, ainda dura (por hipótese) o primeiro. Mas se, inversamente, ele imagina que esse outro está afetado de amor para consigo, à medida que imagina isso (pela prop.30), considera a si mesmo como alegria e, dessa maneira (pela prop. 29), se esforçará por lhe agradar, isto é, (pela prop. 41), se esforçará por não odiá-lo e por não afetá-lo de qualquer tristeza. E esse esforço (pela prop. 37) será diretamente proporcional ao afeto do qual provém. Consequentemente, se for maior do que aquele que provém do ódio pelo qual ele se esforça por afetar de tristeza a coisa que

odeia (pela prop. 26), esse esforço prevalecerá e apagará o ódio do ânimo. C. Q. D. (E3P43D).

É da essência do homem sempre a busca por alegria e afastará de si tudo o que for causa de tristeza. Assim, mesmo o ódio pode ser convertido em amor: “O ódio que é inteiramente vencido pelo amor converte-se em amor; e o amor é, por isso, maior do que se o ódio não o tivesse precedido”. (E3P44). No entanto, é loucura alguém querer experimentar o ódio para depois experimentar um amor maior, como se expressa Spinoza isso seria um “absurdo”.

Portanto, quando se odeia, se está triste e quanto mais triste, menor é a potência de amar. Resulta disso que, existe sempre a possibilidade da mente perceber no objeto que odeia alguma coisa que a alegre e, por conseguinte, afetada de alegria a mente muda a rota daquele afeto e o mesmo terá sua força aniquilada, surgindo, assim, um amor maior, como se a mente jamais tivesse odiado. Assim, há de perceber que sempre haverá possibilidade de converter os afetos contrários, principalmente os afetos relacionados à tristeza em afetos de alegria.

Spinoza explica também a possibilidade que a mente tem de odiar tudo aquilo que para ele for considerada causa de tristeza no objeto do seu amor. Essa observação é importante, pois aqui se percebe novamente os afetos agindo por imitação. Como a coisa amada é odiada por outra coisa, a mente imaginará que a coisa amada está afetada de tristeza, e, por conseguinte, será afetada igualmente de tristeza a tal ponto de passar a odiar a causa principal desse afeto na coisa amada.

É possível surgir alguma alegria advinda da intensão de provocar dor e sofrimento a outra pessoa? O que Spinoza adverte com a proposição 47 da parte 3 da *Ética* é que “A alegria que surge por imaginarmos que uma coisa que odiamos é destruída ou afetada de algum outro mal não surge sem alguma tristeza de ânimo”, isto é, embora a mente e o corpo possam ser afetados por uma alegria, essa será efêmera e não constituirá uma verdadeira alegria, pois foi alimentada do ódio. A mente ao detectar o ódio como causa da alegria condiciona a produção de mais ódio para que ela possa ter mais alegria. Nessas condições, não se constitui, portanto, um afeto que conduz à liberdade, mas à servidão, ao medo, ao aprisionamento da mente ao desejo de

ódio visando sempre mais e mais obter a alegria que provém da destruição do ódio.

É fundamental recordar que o amor é sempre uma alegria acompanhada de uma causa e que o ódio é uma tristeza, também, acompanhada de uma causa e que ambas as causas são exteriores ao homem. Assim, o amor ou o ódio por alguém pode ser destruído a partir do instante em que o homem percebe que a causa do amor ou do ódio não estão no objeto amado ou odiado, mas o agente causador é outro que não faz relação direta com a pessoa. Assim, à medida que se imagina que aquela pessoa não é o provocador do afeto indesejado este será reduzido ao ponto de não existir.

2 OUTROS AFETOS DERIVADOS DA ALEGRIA E TRISTEZA REFERIDOS A IDEIA DE UMA COISA EXTERIOR COMO A CAUSA DESSES AFETOS POR SI OU ACIDENTALMENTE, CONFORME O LÉXICO SPINOZANO

Por **admiração** entende-se a imagem de uma coisa a qual a mente, por algum motivo, mantém-se focada nessa imagem. Na mente, as imagens passam de uma para a outra por uma concatenação de ideias, isto é, um encadeamento das imagens que se seguem e que já são reconhecidas por ela. Quando surge uma nova imagem, a mente, por sua vez, entra no estado da admiração e encontra dificuldades em sair desse estado de torpor provocado pelo afeto, pois a mesma não identifica imagens correspondentes que possam suceder a primeira e permanecerá assim até que seja determinada, por outra causa, a imaginar aquelas coisas que possam suplantar a imagem que provocou a admiração. O contrário, por ventura, é o **desprezo**. Define-se por desprezo o momento em que mente afetada por uma coisa de pouca importância imaginará mais aquilo que essa coisa não tem do que aquilo que tem.

Quando uma coisa acidentalmente cruza o caminho de alguém e este encontro provoca um afeto de alegria, Spinoza a chama de **atração**, por sua vez, quando o resultado dessa incidência é um afeto de tristeza, é chamado de **aversão**. O caráter fortuito das relações é o principal causador desse tipo de afeto, sendo assim, não há como exercer controle sobre os mesmos. A mente será capaz de vencer os afetos de tristeza causados pelas causas fortuitas ao imaginar aquelas coisas que causam alegria, como se apreende da filosofia de Spinoza.

O afeto da **adoração** deve ser entendido, conforme o léxico de Spinoza, como “Amor por aquele que admiramos” (E3AD10). A admiração provém da novidade, e dado que os homens, de modo geral, são ávidos por novidades, por inovações, a **admiração** caracteriza-se por um afeto sempre presente na vida humana. Todavia, a admiração deixa de existir quando se imagina frequentemente aquele objeto e assim, a adoração que era provocada pela admiração converte-se em *amor*. O amor – como exposto – é um afeto de alegria que vem a partir da ideia que se tem de uma causa exterior.

O **escárnio** é caracterizado no léxico de Spinoza como uma alegria que se tem por imaginar que algo que se despreza coexiste naquele que se odeia. Assim, ao desprezar alguma coisa, nega-se a sua existência, e aquele que nega, se alegra. Por consequência do afeto de tristeza que existe, esse poderá refrear ou suplantar a alegria.

No léxico de Spinoza, a **esperança** é uma imagem individual de uma realização por vir, porém, ainda se resta certa dúvida da sua concretização. A esperança é, dessa forma, uma alegria instável surgida da imagem de uma coisa passada ou futura, no entanto, ainda se tem imprecisão do seu desfecho. Portanto, a esperança é um afeto que carrega certo grau de instabilidade. Assim, essa incerteza da conclusão gera uma alegria instável provocando uma flutuação de ânimo, pois da coisa que se espera pode ser reforçado um afeto de alegria ou advir um afeto de tristeza.

Para Spinoza, o **medo** é tristeza cuja principal característica é a sua instabilidade. Dado que o medo é a incerteza surgida daquilo que poderá vir no futuro ou de algo do passado que possa retornar, e pelo fato do homem não deter controle, surge, porém, a dúvida de sua materialização. E afirma Spinoza: “Não há esperança sem medo, nem medo sem esperança”. (E3AD13). Pode-se dizer que o medo é contrário à esperança, dado a característica de ser uma tristeza incerta por algo que não se sabe realmente a sua conclusão. O medo é reconhecido mediante a imagem produzida por essa incerteza. O que se estabelece de comum entre esses dois afetos é a dúvida que ambos carregam. A esperança se converte em segurança quando o que se esperava tem um desfecho

positivo e o medo se converte em desespero, quando aquilo que se temia se concretiza.

A **segurança** é um afeto de alegria que surge ao vencer o medo da ideia de uma coisa futura que não se conhece ainda o seu resultado ou mesmo de algo que antes teve um resultado negativo, mas que foram excluídas aquelas coisas que causavam dúvidas para a pessoa. O **desespero**, por sua vez, é um afeto de tristeza que se caracteriza pela existência de uma ideia que causa medo e essa é concluída conforme havia sido imaginada. Diz Spinoza: “Quando é afastada toda causa de dúvida sobre a realização de um coisa, da esperança provém a segurança, e do medo, o desespero.” (E3AD14).

O **gáudio** é um afeto de alegria por ter superado o medo inicial estabelecido pela dúvida, pois não se conhecia o desfecho que aquela coisa poderia ter. Assim, o gáudio se opõe à **decepção** que é exatamente a tristeza que se estabelece quando a concretização de um determinado fato se deu insatisfatoriamente à ideia que se fazia do seu desfecho¹.

O léxico moderno cunhou a palavra empatia para caracterizar a capacidade humana de se identificar com o outro: suas dores, pensamentos, vontades, etc. Spinoza utiliza-se de um vocábulo próprio do seu tempo, que é a palavra **comiseração** para designar a capacidade de se comover com as adversidades dos outros seres humanos. Comiseração é, portanto, um afeto de tristeza. Caracteriza-se por comiseração o afeto de tristeza que se estabelece a partir da ideia que se tem de uma coisa má que atinge o semelhante. O filósofo não estabelece nenhuma diferença entre comiseração e misericórdia, porém, ressalta que esta última é um afeto mais habitual. A **misericórdia** é uma espécie de amor que afeta o homem quando esse está repleto de gáudio pelo bem realizado a outro, e, também, se caracteriza pelo momento em que o homem se entristece com o mal que possa atingir o próximo. Spinoza não tem um termo para denominar **a alegria que alguém sente pela felicidade do próximo**.

Pode acontecer que a mente imagine que algum semelhante pelo qual se tem profundo apreço foi afetado por um afeto qualquer, por causa dessa imaginação, a pessoa que imaginou

é afetada, igualmente, pelo mesmo afeto. No entanto, se a mente imagina que algum semelhante que se odeia foi afetado por algum afeto, a pessoa que imagina será afetada por um afeto contrário. Quando este afeto que foi replicado está relacionado à tristeza, Spinoza denomina como **comiseração**; quando referido ao desejo², **emulação**. A **benevolência** surge quando a partir da comiseração se busca fazer o bem ao outro³.

Quando se identifica um bem que alguém fez ao semelhante o afeto é denominado **reconhecimento**. Reconhecimento nada mais é que um amor que surge por alguém que fez o bem ao outro. O afeto oposto é a **indignação**, isto é, uma espécie de ódio que afeta alguém quando identifica que outra pessoa praticou algum mal ao semelhante⁴.

A **consideração** é uma alegria que surge por uma pessoa que reconhece as qualidades de outra e faz uma avaliação da qual a primeira não fazia de si. Assim, a consideração surge a partir de uma forma de amor por reconhecer no outro uma opinião acima da justa. Do contrário, quando uma pessoa avalia outra muito aquém daquilo que a primeira pensava de si, Spinoza chama de **desconsideração**⁵. A desconsideração, por sua vez, é caracterizada por uma forma de ódio que leva a ter por alguém uma opinião abaixo da justa. Spinoza define a consideração como um efeito ou propriedade do amor e a desconsideração, do ódio.

A **inveja** é um afeto de tristeza que é caracterizada tanto pelo ódio que se estabelece por identificar a felicidade de outro, como pelo gáudio por contemplar um mal que atinge o objeto do seu ódio.

No léxico de Spinoza, o termo **ambição** está referido a um afeto que é caracterizado pelo esforço que alguém faz ou deixa de fazer com o intuito de trazer benefícios a outro, muitas vezes, acarretando em prejuízo para si próprio ou para outrem. Caso essa ação de fazer algo ou deixar de fazer não seja apenas com a intenção de agradar alguém, o afeto é considerado **humanidade**. E quando alguém imagina o esforço que outro dispensou para

2 Os afetos relacionados ao desejo serão analisados posteriormente.

3 Cf. E3P27.

4 Cf. E3P22Esc.

5 Cf. E3P26Esc.

1 Cf. E3P18Esc

agradar-lhe é, imediatamente, afetado de um afeto de alegria denominado **exultação** ou se imagina a energia que o outro colocou para desagradar-lhe, nesse caso, é afetado por um afeto de tristeza denominado **afronta**⁶.

O **ciúme**, no léxico de Spinoza, é, portanto, um afeto de ódio para com a coisa amada, ao mesmo tempo em que é afetado pela inveja do outro está ao lado do objeto que ama e isto resulta numa afecção simultânea de amor e ódio para com a coisa amada⁷. Conforme Spinoza, o ódio para com a coisa amada é diretamente proporcional ao amor que era destinado.

3 ALGUNS AFETOS DERIVADOS DA ALEGRIA E TRISTEZA REFERIDOS A IDEIA DE UMA COISA INTERIOR COMO A CAUSA DESSES AFETOS, CONFORME O LÉXICO SPINOZANO

Spinoza chama de glória, o afeto de alegria que o homem tem quando pondera a si mesmo como uma pessoa louvada e respeitada. O oposto à glória é a vergonha, isto é, um afeto de tristeza que afeta o homem quando ele percebe que esta honra parte dele mesmo e não sendo reconhecido por tal pelos seus semelhantes. Assim, a **glória** consiste em um afeto de alegria pelo qual o homem é afetado quando as pessoas elogiam alguma ação que esse realizou e a **vergonha** é um afeto de tristeza que afeta o homem quando este percebe que as pessoas repudiam alguma ação que esse praticou. No seu léxico, Spinoza diferencia a vergonha de pudor da seguinte maneira: Vergonha é uma tristeza que se segue posterior ao fato reprovado pelos semelhantes, **pudor** é o temor que se possa passar pela situação vexatória.

Quando esta honraria é de fato genuína, isto é, aquele que se enaltece é realmente digno da glória, o afeto será o da satisfação consigo mesmo. Identifica-se por **satisfação consigo mesmo** o afeto que surge quando o homem considera a si próprio e a sua potência de agir, isto é, a satisfação que surge quando o homem crê que ele é causa própria da alegria. A humildade, por sua vez, opõe-se a satisfação consigo mesmo, pois esta é caracterizada como um afeto que surge a partir do reconhecimento que o homem tem da sua debilidade e impotência. A **humildade**, no

léxico de Spinoza, é caracterizada como um afeto de tristeza, pois está associada à ideia de debilidade do homem. Quando o homem tem uma boa consideração de si mesmo, diz-se que é *amor-próprio ou satisfação consigo mesmo*⁸.

Quando o homem percebe que não é digno de nenhuma glória e honrarias por parte dos seus semelhantes é afetado de tristeza por um afeto denominado arrependimento⁹. O **arrependimento** se define no vocabulário de Spinoza como uma tristeza que surge a partir do reconhecimento de um ato que se julga ter realizado por livre vontade da mente, isto é, o arrependimento é um afeto de tristeza quando o homem acredita que ele é causa da sua própria tristeza.

Curiosamente encontramos no léxico de Spinoza a palavra soberba como uma alegria que envolve um homem que faz de si mesmo uma avaliação superior das suas habilidades e qualidades. Nas relações cotidianas não é difícil encontrar pessoas completamente tomadas por esse afeto. O que se compreende por **soberba** na terminologia de Spinoza é o momento em que o homem, mediante o amor próprio, passa a ter uma consideração por si acima da justa. A diferença entre soberba e a consideração é que a primeira tem como objeto uma causa interna e a segunda, uma causa externa. A consideração se caracteriza por um efeito do amor pelo próximo, já a soberba advém do amor próprio.

O **rebaixamento** é um afeto de tristeza porque o homem não reconhece o seu potencial e faz de si uma estimativa abaixo da justa. Na maioria das vezes acredita que seus semelhantes tem a mesma ideia, quando na verdade os mesmo não pensam nada a respeito. Assim, o homem por não acreditar em si e no seu potencial é tomado de tristeza, e por todo o tempo que essas imagens permanecerem nele o mesmo não conseguirá realizar aquilo que acredita não poder¹⁰.

Ressalte-se que o **rebaixamento** e a **humildade** não são sinônimos, pois o primeiro, também considerado um afeto de tristeza, é a identificação de si abaixo da justa, mas podendo em algum momento ter uma imagem de si mais coerente com a realidade, e assim, é possível

6 Cf. E3P29Esc.

7 Conf. E3P35Esc.

8 Cf. E3P55Esc.

9 Cf. E3P30Esc e E3AD27.

10 Cf. E3AD28

haver uma mudança entre as imagens, ora uma imagem justa ora uma imagem abaixo da justa. Já o segundo, é a imagem que se faz de si sempre abaixo da justa e a imagem que se faz de outrem sempre acima da justa. Já a soberba é sempre uma imagem que alguém faz de si acima da justa e de outrem sempre abaixo da justa. O soberbo exalta suas qualidades e enaltece os defeitos do outro. Spinoza adverte que natureza humana é mais propensa à soberba e luta constantemente contra a humildade e o rebaixamento.

Admiração é uma imagem que preenche a mente humana afetando-a positivamente. Das afecções da mente pode surgir o **pavor** que é uma contemplação de algo que se teme. Quando se admira alguém por suas qualidades e se acredita que a pessoa tem algo especial surge uma **veneração** ou pode ser afetado de **horror** por alguém quando o que se admira nela é sua ira ou inveja. Quando as qualidades da prudência e inteligência de um homem são admiradas e, por isso, advém um amor por essa pessoa, há uma **adoração**.

O homem sempre se alegra quando percebe a debilidade de seus semelhantes e se sente superior a eles; bem como se entristece quando percebe as virtudes dos seus iguais. Por isso se diz que os homens são por natureza invejosos. A **inveja** é um tipo de ódio e, por sua vez, uma tristeza que diminui a potência de agir. Quando se considera que alguém tem qualidades superiores que a sua ou que conquista algo melhor do que aquilo que outro obteve, e não se vê neste outro algo que possa diferenciar essa pessoa como alguém especial, surgirá, assim, o sentimento de inveja. “Fica claro, pois, que os homens estão, por natureza, propensos ao ódio e à inveja, o que é reforçado pela própria educação.” (E3P55S). A inveja caracteriza-se pelo deleite com a infelicidade do próximo e a sua tortura é a felicidade do outro.

4 Os NOMES ATRIBUÍDOS POR SPINOZA AOS AFETOS RELACIONADOS AO DESEJO¹¹

Dentre os vários afetos listados, a **firmeza** é considerada um desejo que ajudará a mente a perseverar no existir porque está associada à

¹¹ “Em suma, o desejo, segundo Spinoza, como um afeto originário, pode ser tanto passivo como ativo, uma paixão ou uma ação, pois dependerá da nossa capacidade de seguir os ditames da razão para a regulação de paixões (afetos passivos) diante de ações que nos proporcionem ou um afeto ou um desejo ativo”. (GOMES, 2017, p. 53).

razão. A **generosidade** é também um desejo que apresenta a mesma característica de estar associada à razão e dessa forma auxilia o homem a conservar seu ser, unindo-se aos outros homens pelos laços da amizade¹².

O que seria esse afeto chamado **saudade**? É um predicado natural para o homem sentir saudade dos afetos positivos com que se desfruta ou desfrutou parte da vida. Para Spinoza, “Quem se recorda de uma coisa com a qual, uma vez, se deleitou, deseja desfrutá-la sob as mesmas circunstâncias sob as quais, da primeira vez, com ela se deleitou”. (E3P36). Observa-se, na doutrina dos afetos de Spinoza, algumas informações preciosas que permitem refletir sobre este afeto. Conforme tal compreensão, a saudade é um amor convertido em tristeza porque a mente percebe que lhe falta às condições de ter novamente todas as categorias desse afeto. Assim, registra a *Ética*: “Saudade é a tristeza que diz respeito à ausência daquilo que amamos.” (E3P36Esc).

O afeto da saudade é apresentado no léxico de Spinoza como desejo por uma coisa que é aumentada pela lembrança desse objeto, e ao mesmo tempo, refreada pela recordação de outras coisas. Essas coisas, por sua vez, podem excluir a existência do objeto de desejo. Assim, a imagem que a mente faz de determinado afeto torna-o presente e a mente é afetada de igual modo como se o objeto existisse em ato. A saudade traz a imagem desse afeto, mas, ao mesmo tempo, é distanciada pelas imagens de outras coisas que excluem a sua existência. Assim, diz Spinoza: “A saudade é, na verdade, uma tristeza que se opõe à alegria proveniente da coisa que odiamos” (E3AD32), isto é, se odeia a distância, a separação, o fato de não ter mais aquela coisa consigo e não a própria coisa.

Continuando o glossário de Spinoza, encontra-se a **avareza** que é caracterizada quando se considera a abundância de dinheiro como uma coisa boa, isto é, como algo fundamental para a sua vida e, para este, algo ruim seria a escassez de seus recursos, dessa forma, está sempre buscando ampliar a sua riqueza de forma incontrolável. A **ambição**, por sua vez, consiste em viver recebendo as glórias que se julga merecedor e vive-se sob o temor de padecer situações vexatórias, por

¹² Cf. E3P59Esc

exemplo, a vergonha de não ser reconhecido publicamente. A ambição é definida no léxico de Spinoza como um desejo desmedido por glória. Assim, diz Spinoza: “A ambição é um desejo que intensifica e reforça todos os afetos.” (E3AD44), e por isso, destaca o mestre, que a ambição é um afeto difícil de ser superado.

A **ira**, por sua vez, é considerada um esforço que o homem realiza por fazer o mal a quem ele odeia. Quando um homem está tomado de irá quer dizer que este está afetado por um desejo de fazer o mal ao objeto do seu ódio.

A **vingança** é considerada a devolução de um mesmo mal que a pessoa que sofreu realiza com aquele que o ofendeu¹³. O afeto da vingança é caracterizado por um desejo de devolver ao outro o mesmo mal com que foi infligido.

O **agradecimento ou gratidão** é um amor recíproco, muitas vezes, dado como resposta ao amor recebido primeiramente. Assim, aquele que recebe o bem se esforça por ser grato e fazer o bem ao outro. O homem é afetado pelo afeto do agradecimento ou gratidão quando surge nele um desejo de retribuir o bem que recebeu de outro.

Spinoza define também a **crudeldade** como um afeto que se tem por alguém que se ama ou odeia. Quando uma determinada pessoa descobre que aquele a quem odeia, o ama, a mente entra em conflito entre amor e ódio. No entanto, a crudeldade é caracterizada quando obstante a pessoa não lhe fizer mal algum, mesmo assim, esse se esforça por prejudicar o outro. No conflito de ânimo entre amor e ódio, este último prevalecendo, o homem torna-se cruel por desejar o mal a quem o ama¹⁴. O homem é dito cruel quando este procura fazer o mal a quem ele ama ou por quem ele tem comiseração. O que pode controlar a crudeldade é a **clêmência**, isto é, uma potência de ânimo que pode controlar a ira e a vingança.

Dar-se o nome **emulação** a característica de imitação dos afetos, isto é, a emulação consiste em um desejo que se produz na pessoa quando ela imagina que outro tem o mesmo desejo. A **benevolência** é o desejo de fazer o bem por aquele que se tem comiseração.

Caracteriza-se por **audácia** o afeto de desejo pelo qual o homem é impulsionado a realizar coisas que os outros não têm a coragem de realizar. Já a **covardia** é quando o homem deixa de praticar determinada coisa por medo, um medo que os demais conseguem se expôr.

O **temor** é um afeto que deixa dúvidas no homem, pois ele não sabe se quer ou não quer e por receio de um mal maior ele opta por um mal menor.

No vocabulário de Spinoza, **pudor** é quando se quer evitar uma vergonha. E o **pavor** é o sentimento da possibilidade de advir um perigo maior do que o que o homem já conhece¹⁵. O pavor é caracterizado pelo refreamento das ações provocadas pelo temor ao mal que teme, assim, o pavor é também uma espécie de covardia, que o mantém hesitante de praticar certas atitudes.

Caracteriza-se por **cortesia e polidez** o desejo de agradar aos homens em detrimento dos seus próprios desejos pessoais.

A **gula** é o desejo desmedido por comida ou o amor por ela.

A **embriaguez** é o desejo desmedido por bebida ou o amor por ela.

A **avareza** é o desejo desmedido por riquezas ou seu amor por ela.

A **luxuria** é o desejo desmedido por prazeres sexuais ou seu amor por eles.

CONCLUSÃO

A filosofia de Spinoza nos mostra a questão da imaginação como sendo o comandante de diversos afetos. A partir de um afeto imaginado podem surgir diversos outros afetos. A forma como a mente vai percebendo as coisas no outro transforma um afeto positivo em um afeto negativo. E a partir de um desenvolve-se uma cadeia de outros afetos.

É particularmente interessante como a teoria dos afetos e as demais questões levantadas por Spinoza se tornam tão atual e necessária para nós:

A voz maldita de Spinoza, essa voz que denunciava já na aurora da modernidade as ilusões que moviam pensares e fazeres possui, portanto, uma relevância inestimável para a nossa atualidade. [...] A filosofia de Spinoza tem sido interpretada de maneiras múltiplas. Comentários convergentes, mas também

15 Cf. E3P39Esc.

13 Cf. E3P40Esc.

14 Cf. E3P41C e Esc.

notavelmente antagônicos, [...] mostram-nos quão inassimilável ou inrotulável o pensamento de Spinoza parece ser para os moldes acadêmicos predominantes. [...] Contemporaneamente, os debates nos círculos acadêmicos spinozanos concentram-se, por um lado, em aspectos particulares da ontologia, epistemologia, filosofia da mente e linguagem de Spinoza e, por outro, na precedência dada às suas questões éticas e políticas. (Merçon, 2009, prefácio).

Os estudos das ciências dos séculos posteriores a Spinoza não invalidaram nenhuma das suas observações e teorias, como asseverou Rabenort (2016) no início do século XX, com a afirmação que: “É particularmente notável que para as importantes verdades de sua filosofia, os avanços da ciência não sugerem revisão, exceto, talvez, de fraseologia”. (Rabenort, 2016, p. 108). **(Grifo nosso)**. O que nos interessou nesse estudo é que devemos acompanhar Spinoza com seu vocabulário do século XVII, pois, como afirmamos não era intenção do nosso filósofo realizar um estudo da linguagem, mas atribuir substantivos às representações psíquicas, sensoriais e imaginativas que o mesmo descrevia, dado que como assevera o mestre: “É, pois, evidente que os nomes dos afetos foram cunhados muito mais por seu uso vulgar do que por seu conhecimento cuidadoso.” (E3P52S). Logo, para que possamos seguir alinhados ao pensamento de spinozano faz-se necessário a apropriação desses vocábulos e dos seus significados, conforme disseminados pelo próprio Spinoza.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DELEUZE, Gilles. **Espinosa: filosofia prática**/ Gilles Deleuze: São Paulo: Escuta, 2002.

ESPINOZA, Baruch de, 1632-1677. **Breve Tratado de Deus, do homem e do seu bem-estar**/ Baruch de Espinosa; Tradução e notas Emanuel Angelo da Rocha Fragoso, Luís César Guimarães Oliva. – 1. ed.; 1. Reimp. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

GOMES, Carlos Wagner Benevides. **Potência e Liberdade na Ética de Benedictus de Spinoza**/Carlos Wagner Gomes Benevides.-2017.110f. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Instituto de Cultura e Arte, Programa de Pós-graduação em Filosofia, Fortaleza, 2017.

MERÇON, Juliana. **Aprendizado ético-afetivo: uma leitura spinozana da educação**/Juliana Merçon. Campinas, SP: Alínea, 2009.

POMPO, Olga. Espinoza e a linguagem. InCID **Revista da Ciência e Informação**. Ribeirão Preto, v. 2, n. 1, p. 16-30, jan./jun.2011.

RABENORT, William Louis, 1870-1938. **Spinoza como educador**/William Louis Rabenort; pref. Juliana Merçon; introd. trad. Brasileira Fernando Bonadia de Oliveira; tradução para o português GT Benedictus de Spinoza; coordenação Emanuel Angelo da Rocha Fragoso/Francisca Juliana Barros Sousa Lima. – 1. ed. – Fortaleza: EdUECE, 2016

SPINOZA, Benedictus de, 1632-1677. **Ética** / Spinoza; [tradução de Tomaz Tadeu]. 2. ed. 11. Reimp. – Belo Horizonte: Autentica, 2021.

SPINOZA, Benedictus de, 1632-1677. **Tratado da emenda do intelecto** / Spinoza; [tradução de Cristiano Novaes de Rezende]. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2015.

